

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

**A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DOS POVOS DO CAMPO POR MEIO DE
CANÇÕES**

PALMEIRA

2014

RAQUEL RIFFERT

**A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DOS POVOS DO CAMPO POR MEIO DE
CANÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado com requisito parcial para a
obtenção da certificação de Especialização
em Educação do Campo, Setor Litoral da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^o.: Rodrigo Rosi Mengarelli

PALMEIRA

2014

Sumário

Resumo.....	4
1 Introdução.....	4
2 Fundamentação Teórica.....	6
3 Descrição da Atividade Pedagógica.....	10
4 Descrição da Prática.....	10
5 Resultados e Discussões.....	12
6 Conclusão.....	13
7 Referências	13

A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DOS POVOS DO CAMPO POR MEIO DE CANÇÕES

Raquel Riffert

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Resumo: Este artigo tem por finalidade propor uma maneira de viabilizar o uso da música sertaneja de raiz na valorização da cultura dos povos do campo, conciliando os ideais expostos nas letras e as experiências dos educandos. Para este trabalho, foi realizada inicialmente uma conversa estruturada com alguns estudantes de diferentes idades entre 14 a 25 anos do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas, localizado no município de Palmeira, PR. O objetivo desta conversa foi conhecer a trajetória de vida destes educandos e suas expectativas sobre a vida no campo. A partir deste conhecimento prévio, foi desenvolvida uma atividade de análise de letras de canções pelos grupos. Na seqüência foram realizadas apresentações sobre a vida no campo e a representatividade das atividades agrícola para o país. Para a apreciação dos resultados foi utilizado uma base teórica fundamentada nas idéias de Paulo Freire e de estudos voltados a educação do campo. O trabalho traz como contribuição, a promoção da vivência no campo e o seu resgate cultural.

Palavras chaves: cultura, educação do campo, canções;

1. Introdução

O desenvolvimento deste estudo tem como eixo temático, a educação do campo e a valorização da cultura dos povos do campo. Encontra-se direcionado às camadas populares que residem no espaço rural e a todos os envolvidos no âmbito escolar. Para esta atividade foi fundamental conhecer a realidade educacional do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas e do município de Palmeira-PR.

Fez-se necessário também, a reflexão sobre estudos teóricos referentes às raízes culturais. Entende-se como necessária a valorização no cenário escolar e das experiências de vida obtidas pelos envolvidos, a partir da sua relação com o lugar. Isto se justifica devido à dificuldade de compreender o atual cenário da educação do Campo, sem levar em conta sua cultura e o contexto escolar.

Foi preciso ainda, analisar o processo de inserção dos sujeitos do campo para tornar possível a execução de atividades referentes ao conhecimento e a valorização da cultura do campo.

1.1_RAIZES CULTURAIS: análise do contexto educacional do campo

Para que possamos concretizar um projeto educacional genuinamente diferenciado, foi necessário que o educador além de possuir o domínio sobre os conteúdos da disciplina que ministra, tivesse também o conhecimento quanto as “raízes culturais” das quais os educandos são oriundos, assim como os demais aspectos relevantes a este seguimento. Pode-se mencionar, que a maioria dos docentes nesta instituição não provem do campo, o que denota que poucos educadores partilham as significações próprias da vida no campo. Desta forma, entende-se que não existe empecilho com o comprometimento por parte do profissional de ensino, com a proposta de elaboração de uma pratica pedagógica no e do campo, pois uma vez que direcionado o trabalho ao conhecimento dos aspectos culturais e produtivos de cada individuo, possamos manter o respeito e a valorização de suas raízes.

1.2_ Um pouco do município de Palmeira

Este município localiza-se na região sul, conhecido como região dos campos gerais. Possui uma área territorial de 1.457,262 km² e está integrada na região de domínio do Segundo Planalto Paranaense ou Planalto de Ponta Grossa, faz divisa com os municípios da Lapa, Porto Amazonas, São João do Triunfo, Teixeira Soares, Ponta Grossa e Campo Largo.

A população no município de Palmeira conta com 32.125 (IBGE) habitantes, sendo destes 19.376 residentes na zona urbana e 12.749 residentes na zona rural.

Com relação à sua história, o município de Palmeira tem sua origem no Tropeirismo.

O tropeirismo foi um dos fatores que contribuiu para o aumento da população de Palmeira, juntamente com o fator religioso e a transferência da imagem de Nossa Senhora da Conceição de Tamanduá que seria mais tarde a padroeira.

Conforme Pizani (2008, p10):

A história de Palmeira está ligada com aquela da Freguesia Colada de Tamanduá [...] com a mudança da sede da Freguesia de Tamanduá para Palmeira, o novo povoado foi aumentando em população. E pela Lei nº184, de 3 de maio de 1869, a Freguesia de Palmeira foi elevada à categoria de Vila (Vila de Nossa Senhora da Conceição) criando-se o Município de Palmeira. Pela Lei nº. 238, de 9 de novembro de 1897, a vila recebeu foros de cidade.

As características deste município descrevem uma cidade voltada e movida pela agricultura. Onde o meio rural e suas atividades, sejam elas elaboradas pela agricultura familiar ou por grandes produtores, descrevem o perfil do dos moradores desta cidade.

1.3_Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas

A história do Colégio Agrícola Estadual Getúlio Vargas inicia-se em 19 de abril de 1941, quando foi fundado o Internato com o nome de Escola de Trabalhadores Rurais - "Dr. Getúlio Vargas".

O colégio funciona em regime de internato, semi-internato e externato. Recebe educandos do município de Palmeira, de outros municípios do Estado do Paraná, e Estados do Brasil. Tem um total de 309 educandos matriculados neste ano letivo de 2014, sendo 246 educandos internos (residentes) e, na sua maioria, provenientes do meio rural. O estabelecimento possui uma Unidade Didática Produtiva (fazenda escola), destinada às atividades teórico-práticas dos alunos.

Nesta escola, são ofertados somente cursos de Educação Profissional. A maior parte dos educandos (79,6%) são oriundos da zona rural. Do total de educandos 5,2%, fazem o Curso Técnico em Informática, que é o único curso que não é voltado ao jovem do campo. Portanto 94,8% dos educandos realizam os cursos de Agropecuária e Agroecologia que tem uma proposta educativa voltada especialmente ao público rural, podendo ser considerada uma escola rural.

O Colégio tem por objetivo, propiciar ao educando pleno desenvolvimento para o exercício da cidadania e para sua formação profissional qualificada, buscando sempre o resgate cultural de suas raízes e promovendo a valorização do meio rural, motivando assim a permanência no campo.

2. Fundamentação Teórica

Durante muito tempo na história da educação brasileira, os povos do campo foram tratados como sujeitos à margem do processo social – cultural, econômico, educacional e político.

Nos textos constitucionais de 1824 e 1891, mesmo o país sendo essencialmente agrário, desde a sua origem, a educação rural não foi mencionada.

Como afirma LEITE (1999, p. 28) em seu estudo sobre a educação rural.

[...] a sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório interno dos anos 1910/20, quando um grande número de rurícolas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo.

Desta forma, surgiu o Ruralismo Pedagógico que objetivava fixar o homem ao campo, que teve sua duração até a década de 1930. Em 1937 foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Rural, com o intuito de expandir o ensino e preservar a cultura do homem do campo.

Segundo SOUZA (2008) a partir de anos de 1990, o movimento de Educação do Campo tem evidenciado problemas relacionados à escolarização dos povos camponeses, dentre eles: a ausência de escolas na área rural; a precariedade quanto à infra-estrutura das escolas existentes no campo; a necessidade de profissionais qualificados residentes no campo; a necessidade de projetos político-pedagógicos que reconheçam o modo de trabalho no campo e a sua realidade cultural e ainda quanto a dificuldade de acesso ao Ensino Médio e à Educação Superior.

Em meados do século XX, vemos Paulo Freire tecer reflexões sobre a atividade de extensão no Brasil, particularmente a extensão rural, demarcando a importância de uma perspectiva dialógica e de conscientização política no trabalho educativo do agrônomo com os trabalhadores agricultores.

Conseqüentes com essa concepção de educação, os movimentos sociais reivindicam políticas de formação de educadoras e educadores. No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) tornar-se-á, a partir da década de 1980, o mais combativo e forte movimento social do campo. Diante da ausência de políticas e de instituições voltadas para a especificidade dessa formação, os movimentos sociais colocam a educação como um dos seus eixos de

proposição e ação, que se constituiu como uma necessidade no processo de construção e reconstrução do Movimento. Como aponta Arroyo (2000, p.14):

Penso em um dos capítulos tão fecundos na história da educação latinoamericana: a educação popular e o pensamento de Paulo Freire. Eles nasceram colados à terra e foram cultivados em contato estreito com os camponeses, com suas redes de socialização, de reinvenção da vida e da cultura. Nasceram percebendo que o povo do campo tem também seu saber, seus mestres e sua sabedoria.

Deste modo, o pensamento de Freire, por estar enraizado na profunda indignação dos educadores, diante dos processos desumanizadores vividos pelos povos do campo, encontra-se com o sonho de libertação entre os integrantes do movimento.

Nesse seguimento, a educação desenvolvida nos meios rurais torna-se objeto de discussão dos sujeitos que a compõem, os educadores e moradores do campo, tornando a até então denominada educação rural, como educação do campo, pois, no entendimento dos sujeitos sociais deste movimento:

Decidimos utilizar a expressão *campo* e não mais a usual *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo [...] uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho. (Fernandes, Cerioli & Caldart, 2004, p. 25)

Identificados pelas problemáticas vividas, os povos do campo encontram na Pedagogia Libertadora um dos pilares para a discussão dos processos de exclusão e empobrecimento crescente dos trabalhadores. Processos que adentram a escola, nos seus aspectos organizacionais e didáticos do currículo escolar. Com efeito, ao definir que, no processo de transformação social, a escola é mais do que escola, Caldart (2004) coloca a importância de uma educação voltada às necessidades dos povos do campo e a sua valorização:

Uma educação que seja no e do campo. No: O povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: O povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sócias. (Caldart, 2004, p. 26)

Os estudos sobre a Educação do Campo refletem sobre o papel da educação na formação da identidade dos sujeitos do campo e a noção de identidade, vinculada aos elementos dos saberes dos camponeses. Desta forma:

Conhecimento, todas as pessoas possuem e podem construir. Sendo assim, a escola precisa levar em conta os conhecimentos que os pais, os/as alunos/as, as comunidades possuem, e resgatá-los dentro da sala de aula num diálogo permanente com os saberes produzidos nas diferentes áreas de conhecimento. Tais conhecimentos precisam garantir elementos que contribuam para uma melhor qualidade de vida. Os vários saberes não têm fins em si mesmo, eles são instrumentos para intervenção e mudança de atitudes dos vários segmentos neste processo de renovação. (BRASIL, 2004, p 37).

A educação do campo como descrita no documento Referencias para uma política de Educação do Campo, do MEC, também se propõe a afirmar o pertencimento dos camponeses à uma comunidade “[...] Pertencer significa se reconhecer como integrante de uma comunidade e um sentimento que move os sujeitos a defender as suas idéias, recriar formas de convivência e transmitir valores de geração a geração (REFERENCIAS p. 36). Batista (2007) destaca alguns elementos que fundamentam a construção de um paradigma de educação construído pelos sujeitos coletivos:

[...] a busca de uma identidade política de movimento e de classe pelo conceito de camponês, como elo entre os diversos sujeitos envolvidos na luta pela terra e no trabalho no campo; a terra como instrumento de vida, de cultura, de produção; o trabalho camponês como princípio educativo; a valorização da cultura camponesa, da experiência de vida dos sujeitos do campo; a educação como instrumento intrínseco ao projeto de sociedade e de desenvolvimento que defendem.

Os pontos discutidos refletem a falta em promover uma educação de qualidade e voltada às necessidades dos povos do campo. Valorizar suas raízes culturais, motiva, de certa forma, a permanência no campo, e fomenta a possibilidade de novos horizontes no meio rural. O jovem do campo, inserido em um contexto escolar adequado a sua realidade, consegue enxergar melhores condições para se aprimorar e produzir, desempenhando um papel importante junto a sua família ou ainda na atividade agrícola.

Utilizar das canções para suscitar à valorização da cultura dos povos do campo, possibilita a identificação por parte dos educandos com o sentimento de satisfação na vida no campo e promove uma maior interação, uma vez, que a música está presente em todo âmbito escolar e também no campo.

Conforme Pereira (2013, p 38):

A música é uma das manifestações culturais da humanidade. É expressão de sentimento; é utilizada em comemorações coletivas ou ouvida em solidão. A musicalidade é um sentimento presente por todos os seres humanos independentemente de seu credo ou religião.

Foi em harmonia com essas idéias que esse projeto buscou promover o resgate e a valorização da cultura dos povos do meio rural com o uso de um projeto escolar referente à música sertaneja de raiz.

3. Descrição da Prática Pedagógica

Para alcançar os objetivos propostos no projeto destaco que o processo metodológico tomou como embasamento teórico as idéias da educação do campo defendidas pelos movimentos sociais e pelos educadores e pesquisadores que comungam com essas idéias. O processo de pesquisa envolveu uma reflexão-ação coletiva envolvendo a comunidade escolar, através de encontros a seguir descritos.

A concepção de educação que fundamenta o projeto insere-se no paradigma da Educação do Campo e nas teorias de Paulo Freire, pioneiro da Educação Popular que trouxe elementos fundamentais para a educação do campo.

O trabalho iniciou-se juntamente com o início do ano letivo de 2014, no Colégio Agrícola Estadual Getulio Vargas, com educandos internos dos cursos de Agroecologia, Agropecuária e Subseqüente – Agropecuária, no período noturno, como uma atividade anexa ao projeto de Humanização o qual vem sendo desenvolvido desde 2013 na instituição.

Com o conhecimento e auxílio da equipe pedagógica foram realizados oito encontros, todos de livre apreciação, onde no primeiro encontro, foi exposta a proposta de trabalho e realizado um levantamento quanto ao número de participantes e a organização destes para o desenvolvimento da atividade. Para o

segundo encontro, foi realizada a atividade “Quem sou eu”, onde cada participante contava um pouco de sua trajetória de vida e de suas expectativas sobre a vida no campo, neste encontro ainda foram expostas entre os grupos, diversas letras de canções, cada grupo com cinco integrantes escolheu uma música, totalizando seis grupos. Com esta etapa, busquei uma primeira socialização entre os participantes e uma interação com a proposta do projeto.

Essas músicas foram propostas a partir de uma investigação junto aos envolvidos, quanto a sua presença no contexto familiar e na vida do campo, ou ainda músicas que em sua letra, descrevessem aspectos relacionados à luta dos povos do campo, sua trajetória, ou mesmo a satisfação da vida no campo.

A próxima etapa realizada no terceiro encontro caracterizou-se na busca pela melodia e na análise de sua letra, nesse procedimento procurei enfatizar o encontro da escrita da letra com o sentimento exposto na melodia, colocando que cada grupo buscasse para si o sentimento de raiz e a representatividade na vida do campo. Desta forma, procurei com que cada grupo se identificasse de algum modo com a expressão da melodia conseguindo colocar em questão passagens de suas vidas ou ainda histórias contadas pelos familiares.

No quarto encontro, dei seqüência às atividades anteriores e discuti a forma de exposição entre os grupos, neste momento ficou definido a possibilidade do uso de instrumentos musicais, dramatização, composição de parodia, criação de poema, ou ainda a exposição da representatividade da composição concluída pelo grupo. A finalidade desta etapa ficou na forma de organização do grupo, dos possíveis arranjos formados por eles e da interação entre os integrantes.

O quinto e sexto encontro resumiu-se no desenvolvimento da atividade para exposição entre os grupos.

No sétimo encontro foram realizadas as apresentações dos grupos, cada um podia expor seu trabalho em trinta minutos. Com este encontro, busquei avaliar o trabalho realizado de cada grupo, a participação individual, a criatividade, a expressão artística, o trabalho em conjunto e sua organização e ainda conhecer a representatividade da letra da música na vida dos envolvidos.

O último encontro destinou-se a uma roda de conversa para discussão da prática desenvolvida nos encontros e a importância da dinâmica para cada participante. A intenção nesse fechamento da atividade está em promover a valorização de todo o seguimento exposto no trabalho relacionado à vida no campo, das lutas, das dificuldades, do preconceito vivido, da boa alimentação, dos costumes, da música, da interação com a natureza, enfim, despertar um sentimento de satisfação ou ainda privilégio pela vida no campo.

4. Resultados e Discussões

No decorrer das atividades relacionadas a proposta do projeto, foi possível observar um grande interesse na participação dos educandos, uma vez que a maioria destes são oriundos do campo, todos sentiram-se motivados a discutir sobre as canções. Os grupos escolheram entre o repertório, as canções: “Vida de Gado” (Zé Ramalho); “Vida boa” (Vitor e Leo); “Tristeza do Jeca” (Angelino de Oliveira); “Obrigada ao homem do campo” (Dom e Ravel); “Meu Reino Encantado” (Valdemar Reis e Vicente F. Machado) e “Franguinho na Panela” (Moacy dos Santos e Paraíso). Mostraram grande preocupação em conhecer o contexto descrito nas letras das músicas e a relação que elas trazem com a vida no campo, sua trajetória, suas lutas, os preconceitos sofridos, além do bem estar, da natureza, da alimentação sadia, da cultura, de seus costumes, enfim, todos os aspectos relacionados à vida no campo.

Com a apresentação do grupo que trabalhou a canção “Obrigada ao homem do campo”, através da elaboração de uma parodia, foram levados a discussão, pontos relativos a agricultura familiar e o papel das novas gerações presentes no campo, nesta questão foram indagados quanto a permanência no campo e o aperfeiçoamento de atividade agrícola em pequena escala, qual seria o posicionamento e atitude junto a família e ainda sobre o avanço tecnológico na agricultura e o pequeno trabalhador rural.

O mercado de trabalho e a procura por produtos de produção orgânica também foram abordados pelos educandos, nessa questão um educando destacou o trabalho realizado pela família com a produção de hortaliças e os processos para

se obter a certificação de produto orgânico além do controle contínuo de órgãos fiscalizadores. Neste ponto foi possível identificar que todos estão interessados quanto a novas alternativas de ganho e de permanência no campo, uma vez exposto por eles o interesse em se aperfeiçoar na área agrícola e agroecológica.

A descrição de um meio tranquilo, rodeado de elementos naturais e carregado de histórias, causos e costume, demonstraram o critério de maior satisfação na vida no campo mencionado pelos educandos. Nas canções “Vida boa”, “Franguinho na panela” e “Meu reino encantado”, foi destacado o sentimento pelo campo como de um lugar acolhedor, emotivo, familiar, cercado de boas recordações, simples, mas essencial. Colocaram ainda que as relações pessoais no campo são mais próximas do que na cidade, que as pessoas conseguem ter contato e fazer amizades dentro da comunidade e que a forma de tratamento entre elas, descreve o respeito e a educação recebida pela família, onde neste caso, ainda vemos o idoso ser tratado como um símbolo de sabedoria para cada família do campo.

Eles apontam que a vida no campo hoje, compõe os fatores essenciais para uma vida mais feliz e colocam ainda, que muitas pessoas já enxergam no campo um lugar sinônimo de qualidade, de aconchego e bem estar para se viver. Alguns relataram uma certa situação de “status” em morar no campo, uma vez que a vida na cidade tornou-se cada vez mais difícil com o aumento na criminalidade, da poluição, e de tantos outros fatores que interferem na qualidade de vida.

Com as manifestações observadas por meio das apresentações dos grupos, referentes a estas canções, foram apontadas questões quanto ao “lixo” cultural e a cultura de massa, além dos valores vividos hoje na sociedade. Na canção “Tristeza do Jeca” foi relacionada, dos trechos iniciais, o cortejo vivido no campo, onde a mulher era o símbolo da família, da conquista e do avanço no trabalho do homem, com o papel da mulher hoje e também sobre a estrutura familiar que encontramos nos dias de hoje. Os educandos discutiram a função social da escola e da família e as várias atribuições relacionadas a estes dois seguimentos. Nessa questão expuseram grande poder argumentativo, demonstrando interesse e conhecimento sobre esse assunto.

Com o fechamento da atividade, foi possível identificar nos educandos um sentimento de altivez na vida do campo, principalmente sobre a trajetória destes povos, da luta por direitos, por uma educação de qualidade e voltada aos interesses do campo. Todos os participantes demonstraram estar motivados para crescer e produzir no campo.

Conclusão

Com a proposta de trabalho, constatei um envolvimento significativo dos educandos com as canções e o cotidiano vivido por eles. A partir do momento em que foi estabelecido um contato mais amplo e complexo com as relações entre o campo, a cidade, a modernidade e os valores que forjam a sociedade atual foi possível propiciar a valorização da vida do campo por meio de trocas de vivências expostas pelos alunos e de suas argumentações relacionadas com as letras das músicas e com o seu contexto.

O educando foi capaz de perceber nas canções, conflitos entre o passado e o presente. Fez, também, críticas à sociedade atual e seus valores, assim como percebeu que alguns destes pontos como o respeito ao homem do campo e a sua importância na economia do país, precisam ser levados em consideração.

Por fim, a atividade promoveu a valorização da cultura dos povos do campo no sentido de motivar estes educandos no interesse e satisfação em viver no campo e nele produzir.

Referencias

ARROYO. Miguel Gonzáles, FERNANDES, Bernardo Mançano. Por uma Educação do Campo: a educação básica e o movimento social do campo. Vol. 02. Brasília 1999.

BEZERRA NETO, Luiz. Avanços e retrocessos da Educação Rural no Brasil. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da educação nacional. (Lei nº. 9.394/96). Rio de Janeiro: Qualitymark/DUNYA, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Banco de Dados Cidades - Palmeira. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 17 jan 2014.

BRASIL_ MEC. CADERNO DE SUBSÍDIOS: Referências para uma política nacional de Educação do Campo, 2ªed. Brasília, 2005.

BRASIL_MEC\SECAD. Programa saberes da Terra: Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos integrada com qualificação social e profissional para agricultores(as) familiares, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Panorama da educação no campo*. – Brasília, 2007.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para Construção do Projeto Político e pedagógico da Educação do Campo. In: Trabalho necessário. Ano 2, número 2, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN02%20CALDART,%20R.S..pdf>>. Acesso em 16 jan 2014.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projeto e valores, 2005.

FORQUIN, J. C. Escola e Cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa. 2.ed. Paz e terra, São Paulo, (Coleção leitura) 1996.

MAYER, Vera Lucia de O. "PALMEIRA CIDADE CLIMA DO BRASIL". Disponível em <<http://www.palmeira.pr.gov.br/perfil-do-municipio>> acesso em: 16 jan 2014.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - O que queremos com a escola de assentamento. Caderno de Formação nº 18, 3. São Paulo, 1999.

PEREIRA, Gideão Gomes. Indústria cultural: a influência da cultura de massa nas músicas ouvidas pelos jovens do assentamento virgilândia município de formosa-go (2013, 55p. Monografia – Universidade de Brasília, Planaltina – DF, 2013)

PIZANI, Edilson José. A Igreja Matriz e o seu entorno em Palmeira. (2008, 10p. Plano de Desenvolvimento da Educação - Secretaria de Estado da Educação, Palmeira – PR, 2008)

TEIXEIRA, M, F. Educação do campo e formação de educadores: o duelo entre hegemonia e resistência. In: COUTINHO, Adelaide Ferreira (Org.). Diálogos sobre questão da reforma agrária e as políticas de educação do campo. São Luís: EDUFMA, 2009(Coleção Diálogos Contemporâneos, 4)